



TÍTULO DO TRABALHO	
MULHERES NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA BRASILEIRA: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS TÉCNICAS DE NÍVEL MÉDIO	
AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO
Sabrina Fernandes Pereira Lopes Raquel Quirino	Cefet-MG Cefet-MG
RESUMO	
<p>A participação feminina nos cursos tem aumentado significativamente no Brasil, tendo o número de matrículas de mulheres superado a de homens na década de 2000 , porém o relatório Gender and education for all the leap to equality: EFA global monitoring report 2003/41 divulgado pela Unesco evidencia a tendência mundial à igualdade de acesso ao ensino pós-secundário, porém aponta os padrões de escolha realizados pelas mulheres como uma questão fundamental a ser discutida para que se possa alcançar a igualdade de gênero. Na realidade brasileira persiste a tendência das alunas se concentrarem em determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras. As áreas gerais de formação com maior concentração feminina são, segundo o IBGE (2014, p.107), as com ocupações de menor remuneração média no mercado de trabalho e que mais se afastam da visão do senso comum de Ciência e Tecnologia. Para contribuir com o desvelamento das escolhas das alunas por essas áreas de atuação em detrimento de outras mais “tecnologizadas” é necessário conhecer a forma como essas mulheres se percebem e se relacionam com suas construções sobre a formação profissional, inserção e atuação no mundo do trabalho. Conforme esclarece Hirata (2002, p. 23) as pesquisas sobre o mundo do trabalho, em sua grande maioria são realizadas sob uma perspectiva que não leva em conta as relações de gênero e o sexismo presente nessas relações sociais, tratam-se de pesquisas gender-blinded. A autora afirma ainda que essa tendência das pesquisas, em realizar generalizações partindo de um ponto de vista masculino, pode induzir ao erro, uma vez que ações de formação profissional não têm “a mesma amplitude nem o mesmo alcance, e tampouco a mesma significação para as mulheres e para os homens” (HIRATA, 2002, p. 224) deixando de explorar a possibilidade de o espaço de formação contribuir para a visão da “pseudo incompetência técnica” feminina. É perceptível o avanço feminino na educação, porém ele não ocorre de forma homogênea. Em se tratando da Educação Profissional e Tecnológica, que tem uma interface direta com o mundo do trabalho, é possível perceber como o sexismo interfere e lança seus padrões sobre a formação profissional. Especificamente na educação técnica é possível perceber uma clara divisão entre as áreas de atuação tradicionalmente impostas às mulheres e a desvalorização desses grupamentos. Para que se possam criar estratégias para a mudança dessa realidade é necessário que sejam feitas análises mais detalhadas e atualizadas, levando em conta a dualidade entre trabalho e educação, traçando a trajetórias das mulheres que se encontra em cada área, tanto as que permanecem no local a elas historicamente destinado, quanto as que quebram esse ciclo, ponderando sobre como esse fenômeno contribui para a mudança de ideias e ruptura com os modelos tradicionais.</p> <p>Palavras-chave: Ensino Técnico de Nível Médio; Divisão Sexual do Trabalho; Relações de Gênero e Educação.</p>	

MULHERES NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA BRASILEIRA: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS TÉCNICAS DE NÍVEL MÉDIO¹

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira
Mestranda em Educação Tecnológica
sabrinafernandespl@gmail.com

QUIRINO, Raquel
Doutora e Pós-Doutora em Educação
quirinoraquel@hotmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG.

Resumo

A participação feminina nos cursos tem aumentado significativamente no Brasil, tendo o número de matrículas de mulheres superado a de homens na década de 2000, porém o relatório Gender and education for all the leap to equality: EFA global monitoring report 2003/413 divulgado pela Unesco evidencia a tendência mundial à igualdade de acesso ao ensino pós-secundário, porém aponta os padrões de escolha realizados pelas mulheres como uma questão fundamental a ser discutida para que se possa alcançar a igualdade de gênero. Na realidade brasileira persiste a tendência das alunas se concentrarem em determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras. As áreas gerais de formação com maior concentração feminina são, segundo o IBGE (2014, p.107), as com ocupações de menor remuneração média no mercado de trabalho e que mais se afastam da visão do senso comum de Ciência e Tecnologia. Para contribuir com o desvelamento das escolhas das alunas por essas áreas de atuação em detrimento de outras mais “tecnologizadas” é necessário conhecer a forma como essas mulheres se percebem e se relacionam com suas construções sobre a formação profissional, inserção e atuação no mundo do trabalho.

Conforme esclarece Hirata (2002, p. 23) as pesquisas sobre o mundo do trabalho, em sua grande maioria são realizadas sob uma perspectiva que não leva em conta as relações de gênero e o sexismo presente nessas relações sociais, tratam-se de pesquisas gender-blinded. A autora afirma ainda que essa tendência das pesquisas, em realizar

¹ Pesquisa realizada com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG;

² Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132550e.pdf>>

generalizações partindo de um ponto de vista masculino, pode induzir ao erro, uma vez que ações de formação profissional não têm “a mesma amplitude nem o mesmo alcance, e tampouco a mesma significação para as mulheres e para os homens” (HIRATA, 2002, p. 224) deixando de explorar a possibilidade de o espaço de formação contribuir para a visão da “pseudo incompetência técnica” feminina.

É perceptível o avanço feminino na educação, porém ele não ocorre de forma homogênea. Em se tratando da Educação Profissional e Tecnológica, que tem uma interface direta com o mundo do trabalho, é possível perceber como o sexismo interfere e lança seus padrões sobre a formação profissional. Especificamente na educação técnica é possível perceber uma clara divisão entre as áreas de atuação tradicionalmente impostas às mulheres e a desvalorização desses grupamentos. Para que se possam criar estratégias para a mudança dessa realidade é necessário que sejam feitas análises mais detalhadas e atualizadas, levando em conta a dualidade entre trabalho e educação, traçando a trajetórias das mulheres que se encontra em cada área, tanto as que permanecem no local a elas historicamente destinado, quanto as que quebram esse ciclo, ponderando sobre como esse fenômeno contribui para a mudança de ideias e ruptura com os modelos tradicionais.

Palavras-chave: Ensino Técnico de Nível Médio; Divisão Sexual do Trabalho; Relações de Gênero e Educação.

Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que objetiva analisar as relações de gênero e os sexismo presentes na atuação de mulheres profissionais técnicas de nível médio.

Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com duas mulheres profissionais técnicas de nível médio atuando em organizações situadas em Belo Horizonte – M, sendo: uma técnica em mecânica, atuando em uma empresa de grande porte e, uma técnica em química, atuando em uma instituição pública de pesquisa, ambas na faixa dos vinte anos, de classe média, solteiras e morando com os pais. Os nomes das entrevistadas foram modificados por motivos de sigilo.

A análise das entrevistas for realizada tendo como base a Análise Crítica do Discurso, que conforme Pedrosa (2005) “propõe-se a estudar a linguagem como prática social e, para tal, considera o papel crucial do contexto. Esse tipo de análise se interessa

pela relação que há entre a linguagem e o poder, buscando contemplar uma análise textual, discursiva e social dos discursos”.

Também foram utilizadas as teorias da divisão sexual do trabalho e das relações sociais de sexo presentes na Sociologia do Trabalho Francesa de base marxista, buscando investigar a dinâmica de relações de gênero nesse meio, tradicionalmente ocupado por homens.

Para Hirata e Kergoat (2007, p. 599) a Divisão Sexual do Trabalho é

[...] a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (2007, P.599)

Para contribuir com o desvelamento das relações assimétricas entre homens e mulheres atuantes nas áreas tecnológicas é necessário conhecer a forma como essas relações se estabelecem na prática social, na inserção e atuação no mundo do trabalho.

Conforme esclarece Hirata (2002, 23) as pesquisas sobre a Educação Profissional Técnica e o mundo do trabalho, em sua grande maioria, são realizadas sob uma perspectiva que não leva em conta as relações de gênero e o sexismo presente nessas relações sociais, tratando-se de pesquisas *gender-blinded*. A autora afirma ainda que essa tendência das pesquisas realizarem generalizações, partindo de um ponto de vista masculino, pode induzir ao erro, uma vez que as ações de formação profissional não têm “a mesma amplitude nem o mesmo alcance, e tampouco a mesma significação para as mulheres e para os homens” (Hirata, 2002, p. 224) deixando de explorar a possibilidade de o espaço de formação e atuação contribuírem para a sedimentação da visão de uma “pseudo- incompetência técnica” feminina.

Relações de Gênero na Ciência e Tecnologia

Configura-se atualmente uma falta de representatividade feminina na Ciência e Tecnologia e embora não seja usual relacionar o desenvolvimento de conhecimentos nessa área à determinado gênero, evidencia-se uma tendência à perspectiva masculina.

Conforme afirma Hirata (1998, p.06) sobre a tecnologia, a formação profissional e o trabalho “(...) ainda hoje o paradigma dominante é assexuado, que pretende ser universal, mas, na realidade, traduz um ponto de vista fundamentalmente masculino”. Mas, para Carvalho (2012, p. 01-02), as mulheres sempre produziram conhecimento, uma vez que a

curiosidade, a capacidade científica e de pesquisa são inerentes a todos os seres humanos e não somente ao homem. Porém, esse conhecimento foi historicamente desvalorizado, pois,

o conhecimento tecnológico produzido pelas mulheres no ambiente doméstico não era considerado útil para o mercado capitalista e representava, digamos assim, um conhecimento de 'segunda classe', desvalorizado e não científico. Assim, ciência e tecnologia foram construídas majoritariamente por homens, dentro de uma lógica masculina (CARVALHO, 2012, P. 02).

Para uma análise mais clara é necessário desconstruir a ideia da tecnologia como isenta das ideologias por parte de quem a faz, embora Marcuse (1999, p. 74) afirme que “a técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo”, porém, também reflete os planos, propósitos e valores da sociedade em que se desenvolve. (Veraszto, 2008, p.78)

A perspectiva superficial de neutralidade leva à possibilidade de que aqueles que detêm o poder direcionem as pesquisas e inovações aos seus propósitos.

Fazer tecnologia é, sem dúvida, fazer política e, dado que a política é um assunto de interesse geral, deveríamos ter a oportunidade de decidir que tipo de tecnologia desejamos. Mantendo o discurso que a tecnologia é neutra favorece a intervenção de experts que decidem o que é correto baseando-se em uma avaliação objetiva e impede, por sua vez, a participação democrática na discussão sobre planejamento e inovação tecnológica (GARCÍA et al, 2000, p. 132).

Quanto à realidade feminina, a produção científica e tecnológica orientada por e para homens não buscou contemplar sua realidade. Carvalho (2012, p. 04) cita, por exemplo, o conhecimento sobre o corpo humano que foi, através dos séculos, desenvolvido tendo como padrão a fisiologia masculina, acarretando uma falta de conhecimento sobre o corpo feminino.

Na sociedade atual, se evidencia uma grande desigualdade de gêneros e uma história marcada pelo patriarcado, tendo as visões masculinas, constantemente, preponderado no desenvolvimento tecnológico.

Para Carvalho (2012, p.04),

[...] ciência e tecnologia foram construídas sob bases masculinas, com interesses masculinos e resultados que atendessem às necessidades masculinas cujos paradigmas científicos desta época estavam pautados na objetividade absoluta e na crença de uma neutralidade indiscutível. Acreditava-se que os homens, com sua racionalidade “exuberante”, eram capazes de produzir um conhecimento revelador de verdades universais e definitivas.

Dessa realidade observa-se que, mais da metade dos indivíduos que compõem a sociedade, as mulheres, não tem suas perspectivas fortemente expressas nos rumos que segue o desenvolvimento tecnológico. Evidencia-se que na possibilidade de um enriquecimento dos trabalhos relacionados à tecnologia - com o estímulo a uma maior diversidade de gêneros no campo da ciência e da engenharia – seriam contempladas outras questões, ausentes nos interesses de diversos homens (Carvalho, 2012, p.06). A autora acrescenta ainda que o crescimento da participação feminina desencadeia “[...] questionamentos sobre as dificuldades de inserção das mulheres nas ciências, a falta de reconhecimento pelo trabalho feminino por parte da comunidade científica, universitária e da sociedade.” (2012, p. 07).

Diversos estudos, como os de Soares (2001), Olinto (2011) e Hayashi (2012), entre outros, têm demonstrado um desequilíbrio de gênero na produção da Ciência e Tecnologia. É possível observar um crescimento da participação feminina na pesquisa brasileira, porém, quando se consulta os dados de investimentos em pesquisa ofertados pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) evidencia-se a existência de uma maioria de pesquisadores do gênero masculino nas áreas Ciências Agrárias, Engenharias e Exatas e da Natureza (gráfico 1), sendo as duas últimas as que recebem maior investimento do referido conselho. Segundo Stancki (2003, p.07), essa divisão por gêneros nas áreas de cursos tende a ser atribuída a escolhas pessoais, porém é importante perceber que essas escolhas sofrem influências ou mesmo podem ser condicionadas.

Stancki (idem) evidencia que o histórico de ciência e tecnologia, sendo desenvolvidas predominantemente por homens, também concedeu um espaço de formação hostil às mulheres, o que gera influências peculiares em suas opções.

Para Rosemberg (2013), ao analisar a concentração feminina na psicologia, as escolhas realizadas por mulheres se devem a uma “sabedoria de conciliação ou senso de realidade”, que leva as mulheres a considerarem os diversos fatores que compõem sua situação na sociedade e acabam por escolher cursos pouco especializados, não técnicos e mais generalistas, que permitam uma maior gama de possibilidades de emprego, mesmo que subempregos; e mesmo a entrada de mulheres em áreas tradicionalmente masculinas se dá, em geral, com a manutenção dos estereótipos de gênero:

As pessoas ao se inserirem em áreas "masculinas" ou "femininas" permanecem sendo vistas através das suas características sociais de gênero, o que acarreta a divisão sexual do trabalho também no interior das áreas, pois, homens e mulheres acabam sendo levados, por opção, condicionamento ou mesmo falta de opção a desempenharem atividades "próprias" de seu sexo (STANCKI, 2012

p.10).

Relações de Gênero na Atuação Profissional e Técnica de Nível Médio

Segundo Bruschini e Lombardi (2000, p.68) a inserção feminina no mercado de trabalho tem sido marcada por continuidades e mudanças, onde se podem constatar modificações mais intensas em dois polos ao mesmo tempo complementares e opostos. Por um lado há a inserção em áreas mais precárias e fortemente relacionadas ao trabalho doméstico, paralelamente ocorre, a lenta, porém crescente ocupação feminina em áreas de superior prestígio social, que anteriormente eram reservadas aos homens.

As profissionais entrevistadas nessa pesquisa se encaixam na segunda situação, porém a que atua na área de química percebe que é um setor que já apresenta maior abertura para mulheres profissionais. Quando questionada sobre o nível de dificuldade para se inserir no mercado de trabalho ela afirmou:

Foi um diferencial ter o curso técnico para me inserir no mercado de trabalho. É uma área em que a mulher já se inseriu legal, são bem aceitas (Júlia, técnica em química)

Porém ela também relatou dificuldade em conseguir realizar o estágio curricular do curso, tendo trabalhado um ano como professora inicialmente - uma área altamente feminizada. O que se aproxima das afirmações das autoras citadas:

É bem verdade que na expressiva proporção de mulheres que desempenham ocupações técnicas, científicas e assemelhadas têm peso especial aquelas que desenvolvem ainda ocupações tradicionais femininas, como as docentes e as que desempenham atividades auxiliares do ensino (elas representam 60% das ocupadas daquele grupo) e as mulheres que têm funções auxiliares da Medicina e Odontologia (outros 15%) (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2000, p.85).

A entrevistada, apesar de afirmar ter orgulho de sua profissão e considerar a área técnica como uma área que deve ser incentivada à participação feminina, pretende voltar a atuar como docente, porém na educação de nível superior. Tal escolha comunga com a imagem descrita pelas autoras, da mulher como cuidadora, figura que não deixa de aparecer quando a mulher assume um posto de trabalho remunerado ou procura qualificação profissional. As funções nas quais se valorizam características como, sensibilidade, paciência e delicadeza, consideradas inerentes às mulheres, acabam sendo delegadas mais a elas, o que acaba por excluí-las de funções que demandam decisão, individualidade e racionalidade, e que são mais valorizadas no mercado de trabalho.

Observa-se que, mesmo adentrando esse espaço tradicionalmente masculino,

surge uma nova divisão, não de cargos, mas das atividades realizadas por homens e mulheres, conforme já citado por Stank (2003, p.10).

A visão de que existem atributos completamente opostos entre homens e mulheres reforça a ideia de uma divisão com lugares definidos para cada um, de forma que todas as atividades da sociedade sejam cobertas pelos dois numa espécie de complementaridade, na qual cada gênero tem seus papéis bastante definidos, conforme enfatizam Hirata e Kergoat (2007, p. 603):

A abordagem em termos de “complementaridade” é coerente com a ideia de uma divisão entre mulheres e homens do trabalho profissional e doméstico e, dentro do trabalho profissional, a divisão entre tipos e modalidades de empregos que possibilitam a reprodução dos papéis sexuais.

Tal pensamento é corroborado por Silva (1995, p.360) quando afirma que “homens e mulheres são admitidos para o trabalho industrial em consonância com as concepções vigentes da existência de habilidades e características naturais dos sexos masculino e feminino.”

As entrevistadas relatam situações em que ocorre essa divisão e se aproximam do fenômeno descrito pelos autores citados, conforme evidenciados em suas falas:

Entrevistadora: No seu local de trabalho ha homens e mulheres com o mesmo cargo que você?(...)E desempenhavam as mesmas atividades?
Em parte sim, nós tínhamos o mesmo cargo na carteira, mas ele trabalhava numa área mais prática e eu na mais burocrática.

Entrevistadora: A que você atribui essa diferença?
Eu acredito que nesse caso específico por causa do status, uma questão de sexo, os homens têm mais facilidade, quer dizer, não necessariamente tem mais facilidade, mas eles desempenham mais essas funções de manutenção, funções práticas. E outra, questão de experiência, o rapaz que trabalhava comigo tinha muito mais experiência como técnico do que eu tenho. (Fernanda – técnica em mecânica).

Entrevistadora: Você acredita que qualquer pessoa, independente do sexo, pode realizar as tarefas do cargo?
Qualquer um, homens e mulheres podem trabalhar com o microscópio e é bem isso. Se bem que a maioria é homem, a maioria das mulheres trabalha preparando amostras. (Júlia – técnica em química)

Essa tendência de divisão nas ocupações assumidas por homens e mulheres gera um novo tipo de desvantagem para as mulheres diante da tecnologia, pois, ao serem relacionadas às habilidades que se aproximam cada vez mais dos sentimentos e se afastam da racionalidade, acabam por não serem consideradas qualificadas.

Conforme Maruani (1992, p.72-73), a visão de qualificação é construída em volta das tensões entre o feminino e masculino, já que, ao contrário do que possa parecer,

qualificação não é um conceito técnico exato, mas uma construção social. Assim a qualificação é caracterizada como um conceito flutuante, mas, reitera as clivagens entre os sexos presentes no mundo do trabalho tecnológico.

Segundo Hirata (2002a, p. 223),

A tecnologia, as mudanças e as inovações tecnológicas não têm as mesmas consequências sobre as diferentes categorias de mão-de-obra, que se distinguem por meio do lugar que ocupam na divisão técnica e social do trabalho, de acordo com seu nível de qualificação.

Ambas entrevistadas apresentam ainda a busca de uma super qualificação, cursando graduações em engenharia, declarando que a atuação profissional apenas com o curso técnico não possibilitará a ascensão desejada, situação semelhante à descrita por Quirino (2015, p.06) em sua pesquisa sobre trabalhadoras do segmento da mineração.

Os avanços tecnológicos têm diferentes consequências nas diversas categorias sócio profissionais atingidas; dessa forma, o nível de qualificação e o lugar na divisão do trabalho são diferenças mantidas quando do surgimento de inovações. Em diversos setores a introdução de novas tecnologias não traz também uma perspectiva de promoção da igualdade de gêneros. Assim, “é possível concluir, no que diz respeito às indústrias de processo contínuo, que as novas tecnologias não abalaram a divisão sexual do trabalho”. Hirata (2002a, p.205)

O avanço tecnológico fomentou ainda mais a globalização trazendo uma maior interdependência entre a economia dos países e um aumento da participação da população no mercado de trabalho. Porém, evidencia-se o crescimento de trabalhos precarizados e uma maior flexibilidade do trabalho, mantendo a divisão sexual do trabalho com novas configurações:

notou-se um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto nas áreas formais quanto nas informais da vida econômica, assim como no setor de serviços. Contudo, essa participação se traduz principalmente em empregos precários e vulneráveis (HIRATA, 2002b, p.143).

Na última década, alinhado a essa teoria, observa-se um aumento de mulheres matriculadas em cursos técnicos de nível médio, que hoje já supera o número de matrículas de homens, conforme evidenciam os Censos Escolares realizados pelo Instituto de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) entre os anos de 2010 e 2014⁴, o que caracteriza uma crescente feminilização do ensino técnico de nível médio, anteriormente

4

Disponíveis em <<http://portal.inep.gov.br/basica-levantamentos-acessar>>.

majoritariamente masculino, de acordo com o Censo da Educação Profissional de 1999⁵.

Persiste, nos censos posteriormente realizados, 2010 e 2014, respectivamente, a tendência das alunas de se concentrarem em determinadas áreas do conhecimento em detrimento de outras⁶. As áreas gerais de formação com maior concentração feminina são, segundo o IBGE (BRASIL, 2014, p.107), as ocupações mais ligadas ao cuidado, as quais têm menor remuneração média no mundo do trabalho e que mais se afastam da visão do senso comum de Ciência e Tecnologia, mas mais se aproximam das “competências femininas” ditas naturais.

Infere-se que os fenômenos descritos se aproximam das falas das entrevistas, uma vez que a técnica em química percebe uma desvalorização de sua profissão pela sociedade, em relação ao que descrevia seu pai quando em sua juventude essa área ainda não era tão feminizada. Porém a técnica em mecânica, área que se manteve altamente masculinizada, considera a valorização econômica e social de sua profissão adequada.

Essa posição em que as mulheres são colocadas no mercado de trabalho globalizado gera também resultados potencialmente negativos para os homens, uma vez que:

Dito de outra maneira, as trabalhadoras podem ser vistas como cobaias para o desmantelamento das normas de emprego predominantes até então. Um cenário possível neste contexto seria a extensão ou a generalização deste modelo a toda a população ativa, inclusive a masculina.” (HIRATA, 2001, p.144)

Segundo Toledo (2001) o processo gerador dessa desigualdade, tanto no acesso, quanto na valorização do trabalho visto como feminino, passa por três estágios, iniciando com a demarcação de atividades que devem ser realizadas por homens e mulheres, passando pela caracterização dessas atividades realizadas por mulheres como inerentemente femininas - de forma análoga, considerar atividades atribuídas aos homens como masculinas - e, por fim, atribuir tratamento diferente àqueles que realizam atividades femininas ou masculinas. Conforme a autora esse fenômeno demonstra que “a desigualdade das mulheres é um processo que começa com a divisão sexual do trabalho e se consolida com a constituição dos gêneros sociais.” Quanto mais uma área de atividade é relacionada a determinado gênero, mais difícil é para as pessoas que se identificam com o gênero oposto atuarem nela, desenvolvendo assim uma segregação horizontal (OLINTO, 2011, p.69), na qual homens e mulheres tendem a permanecer nos agrupamentos de

⁵ Disponível em <<http://portal.inep.gov.br/educacao-profissional>>

⁶ Disponíveis em <<http://portal.inep.gov.br/basica-levantamentos-acessar>>

atividades que são socialmente vistos como adequados. A autora descreve ainda a segregação vertical, que ocorre quando, em uma mesma área de atuação, é mais difícil às mulheres ascenderem na hierarquia profissional.

A combinação dessas segregações é percebida nas falas das entrevistadas. Enquanto a técnica em química, área mais feminizada, relata a existência de diversos cargos de chefia sendo ocupado por mulheres, a técnica em mecânica percebe a inexistência de mulheres em cargos mais altos que não estejam relacionados às atuações tradicionalmente delegadas ao gênero feminino:

Entrevistadora: No seu local de trabalho há alguma mulher em cargo de chefia?
Fernanda (técnica em mecânica): Não nas áreas que envolvem a engenharia e a mecânica, o que chega mais próximo da função de chefia é supervisão. Tirando isso o que a gente tem é o setor de RH, que é comandado por uma mulher.

Evidencia-se um histórico de desvalorização do trabalho dito como feminino, ao mesmo tempo em que é dificultado o acesso feminino às áreas de maior prestígio. No Brasil, pesquisas realizadas pelo IBGE demonstraram que as áreas com maior concentração feminina, Educação (83%) e Artes e Humanidades (72,4%) têm o menor salário médio. Já as atividades com melhor remuneração, justamente as mais comumente relacionadas às tecnologias: Engenharias, Produção e Construção são as que contam com a menor parcela de trabalhadoras, representando apenas 21,9% da força de trabalho.

Para Silva (1995, p. 360),

o processo de recrutamento de novos trabalhadores para as fabricas se dá segundo estas premissas [da divisão sexual do trabalho]. Por outro lado a aceitação tácita dessas pelos próprios trabalhadores atua no sentido de orientar os candidatos a emprego para determinados ramos industriais e para determinadas tarefas no processo produtivo em conformidade com o pressuposto de que eles comportam predominantemente **trabalho de homens** e **trabalho de mulheres**. (Grifo nosso).

Itani (1992, p.134) afirma que fazem parte da renovação divisão sexual dos espaços de trabalho as novas competências exigidas pelos sistemas produtivos com as inovações tecnológicas. A autora esclarece ainda que essa análise é bastante complicada, uma vez que se apresenta de forma difusa e complexa, se deslocando constantemente e assim dificultando uma análise objetiva.

Dentre as questões de divisão de trabalho, aquelas concernentes às da divisão sexual parecem ser mais complexas. Com efeito, a “mulher” no mundo produtivo é um objeto de estudo privilegiado pela complexidade de elementos

contidos nas representações, nos significados subjetivos de imagens elaboradas e de atributos de distinção. (Itani 1992, p.148)

A mesma autora realiza uma análise da divisão sexual do trabalho tendo em vista as inovações tecnológicas, baseada na diferença quantitativa e quanto à qualificação exigida. Considerando a diferença quantitativa observa que, em cargos considerados mais relacionados à tecnologia e com exigência de maior conhecimento tecnológico, é observável uma menor participação feminina, fato também afirmado por Hirata (2002a).

Quanto à qualificação exigida, a autora observa que é recorrente mulheres ocupantes de cargos fortemente dominados por homens na área tecnológica terem maior escolaridade que os colegas do sexo masculino. E a noção mais ampla de qualificação para o trabalho, vai além da escolarização, pois, o requisito de resistência física é muitas vezes visto como incompatível com a condição biológica feminina pelos recrutadores. Ao analisar a atividade de mulheres em operações de metrô a autora afirma:

Os limites e restrições impingidos ao trabalho feminino, face à produção da ideia de complexidade técnica, mesmo não reconhecidos pela psicologia cognitiva, nos leva a refletir sobre a representação da noção de competência, de qualificação técnica e física. A competência técnica necessária ao trabalho nos novos sistemas automatizados, bastante discutida, mas, ainda pouco clara, se associa, no caso, como sendo “naturalmente” dada ao masculino (ITANI, 1992, p.143).

Realidade semelhante, quanto ao tipo de qualificação exigida para cada tipo de trabalho, é observada por Silva (1995, p.360), ao pesquisar o processo de contratação de homens e mulheres em empresas da área industrial, fato anteriormente corroborado pela técnica em mecânica entrevistada:

A preferência por trabalhadores de um ou outro sexo é justificada com argumentos nos quais aparece frequentemente a necessidade de força física e o caráter pesado das tarefas para as quais se admitem homens em contrapartida as tarefas consideradas leves de detalhe e mais minuciosas mais apropriadas para as mulheres (Fernanda, técnica em mecânica):

Itani (1992, p.148-149) aborda um potencial fator que dificulta a entrada de mulheres nos espaços dominados historicamente pelo público masculino é a resistência cultural e a tendência à proteção do espaço a que estão habituados a dominar. Conforme a autora “a ideia de competência nos sistemas técnicos é, na maior parte das vezes, pensado no campo da masculinidade estruturando o lugar de trabalho”. Tal fato é corroborado pela entrevistada quando afirma:

Eu acho que a primeira dificuldade que a mulher na área da mecânica encontra é um pouco de preconceito. Eu, por exemplo, em algumas entrevistas percebi isso muito nítido. Eles procuram sempre um homem para trabalhar na área mecânica. Outra dificuldade que pode encontrar é você deixar as mulheres simplesmente para algumas tarefas, você reduzir as possibilidades de uma mulher dentro da área da mecânica, deixar ela sempre para uma parte mais de escritório, de projeto e às vezes não é a intenção que ela tem de trabalhar. (Fernanda, técnica em mecânica).

Evidencia-se uma diferença no discurso das entrevistadas, uma vez que a técnica em química, inserida numa profissão que já apresenta uma maior abertura para mulheres, demonstra uma tendência à tentativa de criar uma identidade de grupo junto aos colegas do gênero masculino com o constante uso de palavras como “nós” para referir-se aos trabalhadores de seu setor e “elas” para citar as mulheres que trabalham em áreas tradicionalmente femininas. Enquanto a técnica em mecânica apresenta uma postura maior de resistência ao utilizar constantemente o “nós” para se referir às mulheres inseridas em áreas tradicionalmente masculinas e “eles” para falar da empresa ou grupo de homens que nela trabalham.

Divisão Sexual do trabalho Doméstico

Outro fator analisado na pesquisa foi a divisão sexual do trabalho doméstico, que gera uma segregação tanto entre homens e mulheres, quanto entre mulheres de classes sociais diferentes.

Conforme Bruschini e Lombardi (2000, p.101), o trabalho precarizado de algumas mulheres acaba de servir de apoio para o crescimento profissional de outras: “ironicamente, é no trabalho das empregadas domésticas que as profissionais frequentemente irão se apoiar para poder se dedicar à própria carreira. Este é o elo que une os dois polos analisados”. Porém, ao contrário da afirmação das autoras de que “em nossa sociedade, os afazeres domésticos são tidos como responsabilidade da mulher, qualquer que seja sua situação social, sua posição na família e trabalhe ela ou não fora do lar (idem, p.70)”, as entrevistadas relatam que as atividades em suas casas são realizadas por seus pais e mães, o que Hirata e Kergoat (2007, p. 603) caracterizam como modelo de complementaridade na divisão sexual do trabalho doméstico.

Eu e minha irmã ficamos com as contas e meu pai com as tarefas domésticas (Júlia, técnica em química)

Hoje meu pai faz praticamente tudo, meu pai lava, meu pai arruma a casa. Questão de fazer comida, eu minha irmã minha mãe faz. Então é bem dividido, não tem essa questão de segregação de sexo aqui, não. (Fernanda, técnica em

mecânica)

Infere-se que as entrevistadas não assumem o “trabalho duplicado” (NOGUEIRA,2006) do trabalho produtivo (realizado no ambiente público e remunerado) com o trabalho reprodutivo (realizado no ambiente doméstico e sem remuneração), por serem jovens, solteiras e morarem na casa dos pais.

Considerações Finais

As análises realizadas, ainda que incipientes, evidenciam grande aproximação entre as teorias da divisão Sexual do Trabalho e das Relações Sociais de Sexo da Sociologia do Trabalho Francesa e as falas das profissionais técnicas de nível médio entrevistadas. Embora surjam novas configurações e alguns deslocamentos, o fenômeno da divisão sexual do trabalho, caracterizado pelas segregações vertical e horizontal, continua presente nas relações de gênero estabelecidas, tanto no ambiente laboral empresarial, quanto no serviço público, nos quais as mulheres ainda são consideradas pouco qualificadas e inaptas à realização do trabalho tecnológico, ainda que apresentem a mesma ou mais qualificação formal do que os homens.

Torna-se relevante pesquisar também e oportunamente, as estratégias de resistência e os movimentos realizados pelas mulheres e pela sociedade em geral para diminuir essas disparidades e lograr mais igualdade no mundo do trabalho tecnologizado.

Referências Bibliográficas

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, v. 110, p. 67-104, 2000.

CARVALHO, M. G. **IX Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología y Género.** Ciência, tecnologia, gênero e os paradigmas científicos. 2012. (Congresso). Introdução

GARCÍA, M. I. G. et al. **Ciencia, Tecnología y Sociedad: una introducción al estudio social de la ciencia y la tecnología.** Tecnos. Madrid. 2000. p. 327.

HAYASHI, Maria Cristina. Hayashi, de Castro Cabrero, R., da Costa, M. D. P. R., & Hayashi, C. R. M. Piumbato Innocentini et al. Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. **TransInformação**, v. 19, n. 2, 2012.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, Helena; **Nova divisão sexual do trabalho?: um olhar voltado para a empresa e a sociedade.** Boitempo, 2002a.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 139-156, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332002000100006&lng=pt&nrm=iso>.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero: Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010**. 1. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 159p.

ITANI Alice. Trabalho feminino e tecnologia : a imagem da alteridade. **Tempo Social**. São Paulo, vol. 4 nos 1-2, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, setembro 1994.

MARCUSE Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Editado por Douglas Kellner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARUANI, Margaret. (1992) "Ouvra-ges de dames" In: Guy-patrick Azémar, Org. Ouvriers,ouvrières. **Un continent morcelé et silencieux**. , Paris, Éditions Autrement. Série Mutations n. 126.

NOGUEIRA, Claudia M. **O trabalho duplicado** – A divisão sexual do trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v.5 n.1, p.68-77, jul./dez., 2011.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. Análise crítica do discurso. Uma proposta para a análise crítica da linguagem. In: **IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia 2005**.

QUIRINO, Raquel. Relações de Gênero, Tecnologia e Formação profissional de Mulheres no Segmento de Mineração. **37 Reunião da Anped**. 2015. Disponível em <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-4518.pdf>>

ROSEMBERG, Fúlvia. Psicologia, profissão feminina. **Cadernos de Pesquisa**, n. 47, p. 32-37, 2013.

SILVA, Lorena Holzmann. Admitimos mulheres para trabalhos leves. **Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 349 - 370, 1995

SOARES, Manoel Jesus Araújo. Uma nova ética do trabalho nos anos 20–Projeto Fidélis Reis. **Série Documental-Relatos de Pesquisa**, n. 33, p. 98-105, 1995.

STANCKI, Nanci. Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução. **I Ciclo de debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia**, Puc-SP, 2003. http://www.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003_nancistancki.pdf

TOLEDO, Cecília. O gênero nos une a classe nos divide. **Cadernos Marxistas**. São Paulo: Xamã, 2001.

VERASZTO, E. V., da Silva, D., MIRANDA, N. A. D., & SIMON, F. O. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Revista Prisma.com**, n.07, p. 60-84, 2008.